

Etgar Keret, um escritor israelense contemporâneo

LENIZA MENDA

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora da área de Comunicação e Expressão do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre

RESUMO O trabalho consiste na análise de contos do escritor israelense contemporâneo Etgar Keret, com enfoque em seus motivos recorrentes e abordando seus personagens sob o ponto de vista da tomada de decisões resultante do livre arbítrio. Embora a obra de Keret apresente a realidade e personagens israelenses, a abordagem de temas universais faz com que ultrapasse as fronteiras da regionalidade literária e seu cânone, atingindo a universalidade.

PALAVRAS-CHAVE Desafios, decisões, valores universais.

ABSTRACT This article aims at analyzing short stories by Israeli contemporary writer Etgar Keret, with a focus on its recurring motifs and approaching its characters under the viewpoint of the decision making resulting from free will. Although Keret's work presents Israeli reality and characters, the approach of universal themes surpasses the borders of literary regionalism and its canon, reaching universality.

KEYWORDS Challenges, decisions, universal values.

No ano passado eu li os livros de Etgar Keret. Acho que ele é um escritor israelense diferente de todos que já conheci. Ele é a voz da nova geração (RUSHDIE, 2008).

HÁ NOMES QUE CONDICIONAM DESTINOS; ETGAR KERET É, CERTAMENTE, UM DELES. O nome dado a esse escritor, “Etgar”, significa, na língua hebraica, desafio, o qual se originou das circunstâncias inusitadas de seu nascimento (uma cesariana complicada que o trouxe ao mundo com apenas seis meses). Dessa forma, o menino desafiou as leis da natureza, sobreviveu e tornou-se um dos mais brilhantes escritores da nova geração israelense. Os “desafios” são a tônica que irá predominar ao longo de sua obra de contos, os quais se apresentam na tomada de decisões dos personagens, bem como em suas participações na vida familiar e social.

O escritor iniciou sua carreira literária em 1992. Seus livros, que são *best sellers* em Israel, receberam prêmios internacionais e foram publicados em oito línguas. Entre os mais conhecidos encontram-se: *Pipelines*, *Missing Kissinger*, *The Nimrod slip – Out*, *The bus driver who wanted to be God*, *The girl on the fridge* e *Dad runs away with the circus* (novela para crianças), entre outros. Ele leciona no Departamento de Cinema, na Universidade de Tel Aviv.

Keret é praticamente um escritor apolítico e não partidário. O seu livro *Gaza blues* foi escrito em parceria com Samir El-Youssef, um palestino radicado em Londres, crítico literário e colaborador de um renomado jornal pan-árabe. Esse livro é uma tentativa literária de mostrar uma visão conjunta e unilateral do conflito árabe-israelense. A exposição de suas ideias é um símbolo da diversidade familiar desse escritor – o irmão de Keret é um ativista contra a presença israelense na Faixa de Gaza, ao passo que sua irmã é uma ortodoxa fervorosa que vive num assentamento judaico.

O escritor israelense, através de um estilo conciso e minimalista, expressa, em lin-

guagem coloquial, temas de grande profundidade. Seus contos retratam indivíduos dilacerados que procuram testar seus próprios limites em situações de desafio pessoal. As tomadas de decisões diante de acontecimentos inusitados estão sempre presentes em sua obra.

No conto “The bus driver who wanted to be God”¹, retirado da coletânea de mesmo título, defrontamo-nos com um motorista de ônibus que possui uma ideologia própria, a qual é aplicada rigorosamente em sua profissão. Por nenhum motivo ele para o ônibus para os retardatários. Segundo a sua lógica pessoal, os atrasos podem prejudicar aqueles indivíduos que permanentemente estão no horário. Esse profissional, sem nome, demonstra uma imensa insensibilidade até mesmo diante de crianças e idosos, pois nem para essas categorias de pessoas ele faz exceção. O motorista se sente indiferente diante do drama alheio: “No entanto, se tivesse que escolher entre sorrisos e agradecimentos, por um lado, e o bem da sociedade, pelo outro, o motorista sabia o que devia ser feito” (KERET, 2001, p. 2).

A lógica do motorista lhe dá uma sensação de conforto e paz interior. O encontro desse motorista com Eddie, um humilde garçom de um restaurante em Tel Aviv, causa uma ruptura nas convicções desse profissional. O garçom, uma pessoa solitária e mal amada, marca um encontro com uma moça chamada Felicidade, no Delfinário de Tel Aviv. No entanto, ele sofre de uma doença responsável pelos seus constantes atrasos em seus compromissos: “Eddie tinha suas limitações – uma espécie de doença em que as adenóides ficavam inchadas ou algo do gênero. Por causa da doença, ele sempre dormia dez minutos além do horário em que deveria acordar” (KERET, 2001, p. 3).

Deve-se mencionar, aqui, um aspecto biográfico de Etgar Keret, que também sofria da mesma doença do personagem. Por causa dela, teve a sua

bolsa de estudos cancelada na universidade.

Quando Eddie chega à parada de ônibus, está ofegante de tanto correr, fraco e com os olhos úmidos. Cai de joelhos diante do ônibus, perde o fôlego e respira com dificuldade. Bastam esses gestos para que haja uma transformação no âmago do motorista. Neste momento, ao perceber o desespero de Eddie, um homem comum, ele se recorda do passado e constata que queria ter podido ser Deus para ser bondoso e amar todas as criaturas. O seu desejo não fora realizado e ele optara pela profissão de motorista, com a qual se sente realizado. Portanto, a lógica “matemática” do condutor de ônibus cede lugar à sua sensibilidade e humildade enrustidas. A partir deste momento, ele sofre uma *epifania*, ou revelação, que o transforma em um ser humano mais humilde, caridoso e prestativo diante das mazelas individuais. Dotado de livre arbítrio, o motorista aceita o desafio e muda radicalmente a sua maneira de encarar as pessoas. Há uma espécie de humanização do personagem.

Estabelece-se, neste momento, uma espécie de empatia entre os dois – o motorista e Eddie. Este não fora bem-sucedido no encontro marcado com Felicidade, ao qual ela não comparecera. Entretanto, sua felicidade foi ter obtido uma vitória diante das convicções do motorista:

Finalmente, quando chegou à parada, viu que o ônibus estava lá, esperando por ele. Apesar de os passageiros estarem gritando e resmungando para que o ônibus partisse, o motorista esperou por Eddie e não acelerou até que ele estivesse sentado. E, quando eles começaram a se mover, o motorista olhou pelo espelho retrovisor e deu uma piscadela triste para Eddie, o que, de alguma forma, fez com que tudo ficasse mais suportável.

(KERET, 2001, p. 6).

Há uma infinidade de interpretações acerca da modificação de comportamento do motorista. O

leitor pode se questionar a respeito dessa mudança apontando o desespero de Eddie como o responsável por ela. A humildade que Eddie demonstra ao ajoelhar-se diante do condutor teria despertado a bondade no coração do mesmo? A memória do passado em que o motorista queria ser Deus e a promessa que fizera de demonstrar bondade diante das criaturas teria sido o fator desencadeador de tal mudança? Enfim, o somatório desses e de inúmeros outros questionamentos dos leitores aguçam o debate e atestam o valor literário do autor Etgar Keret.

O fascínio pelos desafios é uma espécie de motivo recorrente em sua obra e isso aparece de modo bastante explícito no conto “Os Santini voadores” (KERET, 2001). Nele, o menino Ariel é fascinado pelas proezas realizadas no circo pelos seus irmãos mais velhos. Seu maior desejo é tornar-se um Santini “voador” como os irmãos; para tanto, porém, deve passar pelo teste de agilidade e tocar as pontas de seus pés sem dobrar as pernas. Impedido pelo desejo de se igualar aos irmãos e não querendo demonstrar as suas fraquezas diante de Papa Luigi, o administrador do circo, ele se submete ao desafio, mas acaba quebrando algumas das vértebras de sua coluna, sepultando para sempre ou postergando o sonho de juntar-se a seus familiares trapezistas.

O pequeno Santini se defronta com uma situação-limite, a partir da qual jamais seria o mesmo:

Eu relaxei meu corpo, respirei profundamente e fechei meus olhos, assim como meu irmão Ítalo tinha feito na apresentação daquela noite. Eu me curvei e quase os alcancei com as mãos. Eu pude ver as pontas dos meus dedos somente a alguns milímetros dos meus cadarços, quase tocando meus dedos. Meu corpo estava esticado como uma corda prestes a arrebentar, mas eu não desisti. Quatro milímetros me separavam da família Santini. Eu sabia que iria conseguir. E então, subitamente, eu o ouvi. O barulho era

tão grande que parecia ensurdecedor... O raio-X demonstrou o disco fraturado entre as vértebras L2 e L3. (KERET, 2001, p. 45).

Além de ter se prejudicado fisicamente, o menino sente-se psicologicamente arrasado, pois tentara superar-se para conseguir seu objetivo, fora vítima de um desafio além de suas forças e superestimara as exigências impostas por Papa Luigi: “‘Você poderia ter curvado seus joelhos’, cochichou Papa Luigi e secou uma das lágrimas em meus olhos. ‘Você poderia tê-los curvado um pouco. Eu não teria dito nada’” (KERET, 2001, p. 46). O leitor, por sua vez, sente-se na pele do personagem e experimenta um sentimento de pena e impotência pela inevitabilidade da tragédia.

Entre os temas recorrentes na obra de Etgar Keret, há as frequentes alusões à vida pós-morte e a continuação da vida terrena no Céu ou no Inferno. O autor, no entanto, sendo considerado um “subversor da realidade”, reverte a ordem da crença cristã, a qual afirma a dicotomia entre Céu e Inferno. No conto intitulado “Katzenstein”, a narrativa inicia no presente, situando o personagem principal no típico Inferno, tal como é concebido pela religião católica:

No Inferno, eles me colocaram num caldeirão de água fervente. Minha carne ardia e queimava, minha pele estava coberta de bolhas, e a dor era tão imensa que eu não parava de gritar. Eles tinham essas telas gigantes através das quais você podia assistir a tudo o que se passava no Céu. Sofrer e definhar lentamente, olhar a tela e sofrer. Eu acho que o avistei por um segundo, jogando golfe, críquete ou algo do gênero. Seu sorriso foi focado de perto e eles mostraram um casal fazendo amor. (KERET, 2001, p. 93).

Na retrospectiva feita pelo autor, defrontamo-

nos com o personagem principal do conto “Katzenstein”, um azarado e verdadeiro *schlimazzel* (azarado, pessoa sem sorte ou inapta, em iídiche). Nada em sua vida escolar ou profissional dera certo. A sua esposa o vivia atormentando e dizendo-lhe que não conseguiria uma promoção no trabalho devido a sua baixa autoestima. Ele era um indivíduo continuamente comparado a seu amigo Katzenstein, para quem sempre tudo dava certo. Sua mãe se dirigia a ele agressivamente:

‘Eu encontrei Miriam Katzenstein na mercearia hoje’, mamãe suspirou. O filho dela foi aprovado com distinção. ‘Por acaso o filho de Miriam Katzenstein é mais esperto do que o meu? Nunca. Ele somente se esforça mais. E você? – está tentando me atormentar, querendo que eu morra mais cedo?’ (KERET, 2001, p.94).

As comparações com Katzenstein, um menino de inteligência mediana, sem nenhuma compleição atlética e desprovido sequer de uma qualidade excepcional, infernizam a vida do narrador, a ponto de o mesmo mudar-se para outra cidade. Quer libertar-se das comparações e, efetivamente, o consegue, por muitos anos, até o momento de se encontrarem novamente em um avião que vem da Basileia. Nesse trajeto aéreo, o personagem principal se encontra novamente com Katzenstein, hipnotizando-se pela sua visão:

Por cinco horas corridas, meus olhos estariam grudados na nuca de Katzenstein... Eu tomei um pouco de suco de laranja. Katz pediu um Jack Daniel’s. Por toda a minha vida eu tomava Katz como exemplo. Eu queria tomar um banho, mas não havia água quente. O boiler estava quebrado. Tomava, então, um banho gelado. Eu aposto como Katzenstein tem um aquecedor solar. (KERET, 2001, p. 94).

Num tom de sátira e comicidade, o narrador revela o infortúnio do personagem em sua comparação com o mais afortunado pelo destino. Quando o passado vem à tona, no trecho aéreo até a Basileia, sua infelicidade atinge as raias da loucura. Para acabar com tamanho sofrimento, desprende o cinto de segurança, consegue abrir a porta de emergência do avião, apesar de todas as tentativas de contenção por parte da aeromoça, e salta de “paraquedas” rumo ao infinito. O autor usa a expressão irônica “mau funcionamento” para expressar o ato derradeiro do suicídio. No entanto, a suposta e ilusória libertação do mesmo não ocorre. O personagem é condenado ao Inferno², ao passo que seu suposto algoz se dirige ao Céu:

À medida que eles me arrastavam para o Inferno, lá estava Katzenstein. Ele e os outros passageiros, abanando para mim através da janela do ônibus de turismo que os conduzia ao Céu. O avião havia colidido e se despedaçado, cerca de quinze minutos após eu ter “saltado de paraquedas”. Um raro caso de não funcionamento. Um em um milhão. Se ao menos eu tivesse aguentado em meu assento por mais alguns segundos, como os outros passageiros. Como Katzenstein. (KERET, 2001, p. 96).

Através das comparações irônicas e doloridas, percebe-se o dilaceramento interior do personagem, a sua escravidão a preconceitos e analogias, na maioria das vezes infundadas, e a sua imaturidade na fase adulta. Ele mesmo, através das suas fragilidades e inseguranças, fez de sua existência um verdadeiro Inferno, ao passo que Katzenstein...

O sucesso de Etgar Keret como escritor reside no fato de ele saber como se constrói um conto conciso e intrigante. Ele arma curtíssimos enredos em que as ações são mínimas, dando grande ênfase ao lado psicológico e a seu significado ricamente

simbólico. O elemento dramático, em seus contos, inclui um claro conflito entre personagens – um conflito cujo significado e implicações são gradualmente revelados e cujas soluções são sempre surpreendentes e interessantes. Assim, Etgar Keret revela os aspectos intrínsecos ao subjetivismo dos personagens, demonstrando uma grande compaixão por personagens problemáticos, solitários, oprimidos pela sociedade ou por sua própria maneira de ser.

Em muitos de seus contos, Keret aborda temas voltados ao episódio do Holocausto e da maneira como as novas gerações reagem diante desse fato histórico. A crítica literária Lily Rattok (1998) tece alguns comentários a respeito da negação e do descaso da nova geração israelense em relação ao Holocausto. Essa dificuldade se deve, basicamente, à inimaginável natureza das atrocidades infligidas pelos nazistas a uma população indefesa e inocente. Um outro aspecto, segundo a autora, reside no sentimento de culpa daqueles que se estabeleceram em Israel antes do Holocausto, por não terem salvo seus parentes residentes nas comunidades europeias que foram exterminadas pelos nazistas. Essas dificuldades, junto a uma decisão consciente de muitos sobreviventes, após a liberação dos campos, de não expor suas mazelas e reprimir suas experiências também contribuíram para a desconsideração do Holocausto.

No conto intitulado “Shoes”, da mesma coletânea (KERET, 2001), o autor retrata o tema do genocídio, ressaltando as visitas anuais que os estudantes fazem, no Dia da Recordação do Holocausto, à casa Volhynia, uma espécie de instituição cujo patrimônio contém fotos e cartazes com listas de pessoas de diferentes países da Europa que foram mortas durante o massacre nazista nos campos de concentração. O conto é narrado sob a ótica infantil de um menino. Ao deparar-se com o retrato do avô morto, passa a sentir empatia em re-

lação ao ocorrido, sensibilizando-se com as palavras do sobrevivente que fora chamado para contar às crianças o ocorrido durante aquele episódio distante dos mesmos, tanto no tempo como no espaço. Em seu discurso, de caráter didático, ele enfatiza que a recordação do Holocausto é importante não só como uma lembrança do passado, mas também para conscientizar-lhes de que os alemães ainda existem e têm o seu próprio país. Ele os adverte de que jamais deveriam esquecer o que se passara nos campos de concentração e os exorta a nunca visitar o país dos alemães, nem a comprar produtos de origem alemã:

Cada vez que vocês se depararem com produtos alemães, quer seja um aparelho de televisão ou outra coisa qualquer, vocês deverão sempre se lembrar de que, por debaixo da magnífica embalagem, existem peças ou tubos que foram feitos com os ossos e a carne de judeus mortos. (KERET, 2001, p. 57).

A visita anual àquela espécie de museu serve como um ritual e representa, simbolicamente, a renovação da memória, com o objetivo de não sepultar o passado. Portanto, o discurso do senhor idoso, sobrevivente do campo de concentração, tem o objetivo primordial de reavivar a lembrança do passado e estabelecer a conexão com o presente, sobretudo se levarmos em conta que a segunda geração após o Holocausto por vezes subestima o trágico acontecimento e demonstra certo descaso em relação ao mesmo.

O discurso cala fundo no coração do jovem, sobretudo pelo desconhecimento do genocídio, o qual nunca ou raramente havia sido abordado pelos seus pais. A partir daí, ele passa a repudiar tudo o que diz respeito aos produtos germânicos. Essa repulsa se acentua quando seus pais retornam de uma viagem à Alemanha e lhe trazem de presente um par de tênis Adidas. A alegria que ele deveria

sentir ao receber o presente dá vazão à recordação das palavras que o velho pronunciara no museu, exortando as crianças a boicotarem os produtos de origem alemã:

Eu olhei para a pele humana que cobria os meus pés. Olhei para eles e me lembrei de tudo que o homem dissera que deveríamos lembrar. Eu toquei nas listras azuis da Adidas e me lembrei de meu avô no cartaz pregado à parede. (KERET, 2001, p. 59).

Keret encontra uma forma de reverter a situação, tornando a realidade do garoto menos angustiante. O menino sai de casa com os tênis novos e é selecionado para jogar na equipe de um time holandês. Sai vitorioso como goleiro e é aclamado herói. Ocorre, então, um dismantelamento da realidade no momento em que o menino sente o sabor da vitória:

Mas quando o jogo terminou, eu me lembrei e olhei para meus tênis. De repente, eles pareciam mais confortáveis e elásticos do que aparentavam na caixa. “Que gol, hein?”, eu me lembrei do vovô no caminho de casa. Vovô não respondeu, mas, a julgar pela pisada, eu poderia dizer que ele também estava satisfeito. (KERET, 2001, p. 59).

A origem do tênis é menosprezada diante da vitória do menino. O final surpreendente é marca na obra de Keret, prendendo a atenção do leitor e instigando-o a refletir sobre os nossos próprios sentimentos em relação à memória do Holocausto.

O dismantelador da realidade, uma característica de Etgar Keret reconhecida pela crítica, revela essa faceta de forma exponencial num conto denominado “Good intentions” [“Boas intenções”]. O enredo gira em torno de um assassino profissional sem nome que recebe a incumbência de matar Patrick Grace, um homem cuja bondade é sua principal virtude. O narrador assim se refere a ele:

Era um homem bom. É possível que [fosse] o melhor da terra. Ele era a única pessoa neste feio mundo a quem eu devia algo. E dentro de duas horas iria encontrar-me com ele. Dentro de duas horas devia meter-lhe um balaço no meio da testa. (KERET, 2006, p. 88).

O assassino profissional se orgulha de seus méritos. Todas as missões que lhe são solicitadas ele desempenha com extrema precisão e sucesso. Por meio da sátira e da ironia, o narrador assim se refere à qualidade do trabalho do matador profissional:

Fiz-me um bom nome e na minha profissão gozar de um bom nome é o único que conta. Porque nem aparecem anúncios na imprensa nem se obtém bônus ao pagar com cartão de crédito. O único que traz até mim o cliente é a absoluta certeza de que o trabalho vai ser feito. Por isso me cuidei muito para não recusar nenhum encargo. Quem averiguar minha trajetória vai deparar-se somente com clientes satisfeitos. Com clientes satisfeitos e com cadáveres. (KERET, 2006, p. 89)

No entanto, a missão que recebe por último mexe com suas convicções, além representar um desafio para o qual ele não estava preparado. Numa retrospectiva, própria das narrativas de Etgar Keret, o assassino profissional se lembra da infância, quando se encontrava num orfanato. Naquela instituição, ele travara contato com Patrick Grace, cuja convivência representou uma espécie de bálsamo para os seus sofrimentos e solidão. Patrick lhe ofereceu carinho e amizade, fatores importantes para amenizar os traumas sofridos durante aquela fase de sua vida infantil. Deste modo, torna-se impossível para ele, no momento em que recebe a incumbência de matar Patrick, realizar tal ato de crueldade com seu ex-amigo de infância. Quando ele se depara com um envelope recheado de dinheiro, uma foto do passaporte de Grace e o nome do local onde

poderia encontrá-lo a fim de dar cabo a sua vida, suas convicções e certezas sofrem um forte abalo. A partir daquele momento ele não seria mais o mesmo, pois se encontra diante de um desafio. Embora reconhecendo a facilidade e a presteza com que poderia executar sua tarefa, algo o impede de fazê-lo. O assassino profissional está posicionado na frente do café onde Patrick Grace se encontra; poderia, então, matá-lo imediatamente. Hesita, guarda o rifle e se dirige à mesa em que Patrick está sentado, no café designado por ele como o local de seu extermínio. Flashes da infância no orfanato lhe vêm à mente; já não é mais possível prosseguir com sua missão, pois a bondade de Patrick o constrange e aniquila seus princípios morais. Não lhe é possível matar um homem bom, dominado pela “doença” da bondade, uma rara exceção no mundo reificado contemporâneo:

Desde menino padeço de uma doença. Só que ninguém tentou curar-me, apesar de estarem os sintomas muito claros. Dava de presente meus brinquedos aos outros meninos, nunca mentia, nunca roubava nada. Inclusive nas brigas de pátio da escola nunca tive a tentação de devolver os golpes, mas sempre me cuidava de oferecer a outra face. Minha bondade compulsiva só foi piorando com os anos, mas ninguém queria me ajudar. Se, por exemplo, tivesse manifestado uma maldade igualmente compulsiva, em seguida me teriam levado ao psicólogo para tentar detê-la. Mas, e quando és bom? (KERET, 2006, p. 88).

Patrick sente seu corpo sendo invadido por um *dibuk* (espécie de demônio ou alma enfeitiçada); o autor, entretanto, inverte a ordem dos fatos e coloca uma espécie de anjo da bondade no corpo de Patrick Grace. Portanto, a tarefa para a qual o assassino estava designado, ou seja, o aniquilamento de Grace, torna-se impossível de ser realizada. O tormento de Grace assume, então, uma dimensão

aterradora, pois, além de ele não conseguir suicidar-se, não obtém sucesso em sua morte encomendada.

Keret mexe com os valores morais, discute os limites entre o Bem e o Mal, fazendo-nos ver que a dicotomia entre os dois extremos é muito tênue. “Boas intenções” é um conto psicológico em que as ações dos personagens estão situadas num plano secundário, havendo um realce das emoções que se apoderam dos personagens, a dualidade de sentimentos – a bondade causa sofrimento e a maldade, na maioria das vezes, é premiada com cifras volumosas e enriquecedoras. Impõe-se, então, um questionamento: por que um homem bom como Grace precisa sofrer com essa “doença” a ponto de desejar que alguém o mate a fim de eliminar o seu suplício terreno? Na verdade, o personagem que personifica a bondade representa uma exceção à regra social.

Se comparamos Patrick Grace a Bontzie, o Silencioso, personagem-título do escritor Peretz (1965), perceber-se-á que ele também tem a bondade intrínseca em suas atitudes perante a sociedade. Ele é incapaz de fazer mal a alguém. Embora pobre, manifesta predisposição na ajuda ao próximo, além de não ser angustiado nem deprimido pelo fato de ser bom. Bontzie não questiona as suas atitudes, o que lhe dá uma sensação de paz e alegria interiores. A sua recompensa, quando vai ao julgamento divino, é pedir a Deus um simples pedaço de pão com um pouquinho de manteiga, para que pudesse saciar a fome tendo em vista a escassez de alimentos na Polônia e a penúria da vida que levava na aldeizinha em que vivia. Assim, percebe-se que Etgar Keret, diferentemente de Peretz, constrói um personagem dilacerado pela dor e angústia existencial visto que delineia o seu personagem Patrick Grace padecendo em um Inferno no próprio âmbito terreno. Bontzie, o silencioso, representa a personificação da bondade; ele não evolui durante a narrativa, enquanto

Patrick Grace vive imbuído de dúvidas, sofrimento e padecimentos, o que o torna um *personagem problemático*, segundo o crítico literário Georg Lukács (1970). O *herói problemático* é aquele que busca valores autênticos numa sociedade degradada. Como Patrick poderia ser humano e bom numa sociedade que valoriza o dinheiro, o consumismo e os valores superficiais? A sua bondade interior é a maior causadora de sua angústia existencial.

Keret aborda temas universais, como a inveja e a solidão, inerentes aos seres humanos. No conto intitulado “Gotas”, a personagem principal, uma jovem enamorada, encomenda cápsulas cuja composição química contém um antídoto para a solidão. O namorado, ao refletir sobre a atitude da adolescente, manifesta-se de forma cômica e irônica: “As cápsulas vêm em gotas e em aerossol. Minha namorada as pediu em gotas, porque, embora não quisesse se sentir sozinha, certamente não queria prejudicar a camada de ozônio” (KERET, 2006, p. 111). A atitude do rapaz a respeito das pílulas e o seu ceticismo em relação a elas se acentuam na medida em que percebe a convicção de sua namorada em adquiri-las. Keret critica a sociedade de consumo voltada para a obtenção de lucros através da venda de produtos falsamente milagrosos, além de pílulas que pretensamente pretendem acabar com a solidão humana. Para o rapaz, a fórmula da felicidade está no antigo modo de relacionamento entre os indivíduos, tal como ele se pronuncia no seguinte trecho:

Não é necessário recorrer a fórmulas químicas para acabar com a solidão. Poderia abraçar meus amigos a vida inteira, sem me envergonhar de chorar diante deles. Poderíamos estar juntos por anos, passar a vida inteira assim. Da maneira mais natural, como sempre foi, muitíssimo melhor do que com umas gotas. (KERET, 2006, p. 10).

Na maioria dos contos analisados, percebe-se

que Etgar Keret raramente nomeia seus personagens. Dessa forma, constata-se a generalização e a amplitude das situações narradas, bem como do não individualismo dos personagens. O autor retrata os sentimentos tais como são percebidos pela humanidade, as angústias existenciais comuns a qualquer cidadão de Israel ou de outro país do mundo. Keret reitera, em suas narrativas, as tomadas de decisões, resultantes do livre arbítrio, bem como os desafios por que passam os seres humanos. Seus personagens problemáticos, constantemente em conflito e não coniventes com o sistema estabelecido, embora expressem um microcosmo da realidade israelense contemporânea, ultrapassam as fronteiras do regional e seu cânone literário, atingindo a universalidade, característica inerente à genuína literatura.

NOTAS

1 As traduções dos trechos dos contos de Etgar Keret citadas no presente artigo foram realizadas pela autora.

2 A alusão ao inferno pode ser associada à fala do personagem Garcin, da peça *Entre quatro paredes*: “Então, é isto o inferno. Eu não poderia acreditar... Vocês se lembram: enxofre, fomalhas, grelhas... Ah! Que piada. Não precisa de nada disso: o inferno são os Outros” (SARTRE, 2005, p. 125). Para Sartre, o Outro é o mediador indispensável para que o indivíduo (o Eu) atinja o autoconhecimento, a consciência de si mesmo.

REFERÊNCIAS

KERET, Etgar. *The bus driver who wanted to be God and other stories*. New York: St. Martin's Press, 2001. [Em português: KERET, Etgar. *O motorista de carro que queria ser Deus*. Porto: Ambar, 2004.]

_____. *Extrañando a Kissinger*. Mexico: Editorial Sexto Piso, 2006.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Lisboa: Presença, 1970.

PERETZ, Isaac Leib. Bontzie, o Silencioso. In: HOWE, Irving; GREENBERG, Eliezer (orgs.). *A treasury of Yiddish stories*. New York: The Viking Press, 1965.

RATTOK, Lily. Introduction: The healing power of storytelling. Trad. do hebraico para o inglês: Marganit Weinberger-Rotman. In: LIEBRECHT, Savyon. *Apples from the desert*. Bnei Brak, Israel: The Institute for the Translation of Hebrew Literature, 1998, p.9-38.

RUSHDIE, Salman. *Yedioth Ahronot*, 16.11.2007, divulgado em Bnei Brak, Israel: The Institute for the Translation of Hebrew Literature. Disponível em: www.ithl.org.il/ithl-news-1.html. Acesso em: 16 nov. de 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.